

## A captura do tempo e a constituição do sujeito pesquisador

### The capturing of time and the constitution of the researcher as a subject

Bruno Eduardo Procopiuk Walter<sup>1</sup>  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
brunowalter@utfpr.edu.br

---

**Resumo:** Esta pesquisa teve por objetivo compreender a constituição do sujeito pesquisador a partir da apropriação e uso de seu tempo. Para isto, pautando-se num referencial teórico foucaultiano, foram consultados documentos e analisadas um total de 30 entrevistas realizadas com docentes e pesquisadores vinculados a programas de pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá. Pôde-se perceber que, ao longo de sua existência, o pesquisador tem seu tempo capturado pela escola-universidade. Seu tempo não é apenas capturado, mas é-lhe exigido que ocupe seu tempo de forma cada vez mais intensa e produtiva. Em decorrência, o tempo para si, o tempo gerido por si tende a ser reduzido. Por fim, cabe notar que a forma de ser pesquisador produzida no presente não é a única possível. Importa, na atualidade, refletir e criar formas outras de ser pesquisador que não aquelas impostas pelos dispositivos existentes e que lhe fixam uma identidade.

**Palavras-chave:** captura do tempo, constituição do sujeito, sujeito pesquisador, cuidado de si.

**Abstract:** This study aimed to understand the constitution of the researcher as a subject on the basis of the appropriation and use of their time. For this purpose, based on Foucault's theoretical framework, documents were consulted and 30 interviews with professors and researchers linked to graduate programs at the State University of Maringá were interviewed. It was perceived that, throughout their existence, the researcher has their time captured by the school-university. The school-university not only captures their time, but also requires them to occupy it in an increasingly intense and productive manner. As a result, the time they have for themselves, the time managed by themselves tends to be reduced. Finally, it should be noted that the form of researcher produced today is not the only possible option. At present, it is important to reflect and create other forms of being a researcher than those imposed by the existing dispositifs that give them a fixed identity.

**Keywords:** capturing of time, constitution of the subject, researcher as a subject, care of the self.

---

<sup>1</sup> Psicólogo organizacional na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Via Rosalina Maria dos Santos, 1233, 87301-899, Campo Mourão, PR, Brasil. Doutorando em Psicologia Social e Institucional na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Introdução

Como se produz um pesquisador? Quais são as forças que pesam sobre alguns, sujeitando-os e formando-os enquanto pesquisadores? Pode-se dizer que, na contemporaneidade, os pesquisadores inseridos nas universidades estão diante de diversas exigências. É-lhes solicitado que ocupem seu tempo desenvolvendo projetos de pesquisa, participando de eventos, elaborando artigos, escrevendo livros, cumprindo prazos institucionais e também das agências de fomento.

A captura do tempo do pesquisador, assim como de outros trabalhadores, não pode mais ser compreendida apenas nos moldes da sociedade disciplinar (séculos XVIII e XIX) descrita por Foucault (2003, 2010a) e caracterizada pelo tempo organizado, estruturado, previsível e rotineiro. Atualmente, ainda que alguns desses elementos permaneçam, cresce a ênfase na flexibilidade. O controle do tempo se torna mais sutil, e a produção dos sujeitos se dá por meio de novas matrizes. Isso acontece, no entanto, sem excluir o imperativo de que o tempo seja preenchido de forma cada vez mais exaustiva, sendo economicamente produtivo e politicamente útil.

É imerso em relações de poder, compreendidas enquanto relações de forças (cf. Deleuze, 2005, p. 78-100), que o pesquisador é constituído. Isto não significa que ele seja absolutamente determinado pelo meio social em que está, mas que mediante relações de forças, que incluem sempre a possibilidade de resistências – de forças opondo-se a outras forças –, é que emerge o que em nossa sociedade é reconhecido por pesquisador.

Portanto, inspirando-se no pensamento foucaultiano e em seu método genealógico, esta pesquisa teve por finalidade lançar algumas reflexões no intuito de compreender a constituição do sujeito pesquisador a partir da apropriação e uso de seu tempo. Parafraseando Nietzsche (2009), buscou-se o conhecimento das condições e circunstâncias nas quais o sujeito pesquisador nasceu, desenvolveu-se e modificou-se.

Ressalta-se que, segundo Veyne (2011), a pesquisa genealógica não é uma filosofia nem pretende descobrir uma verdade total, mas estuda fenômenos empíricos, chegando a conclusões provisórias e revisáveis, assim como as descobertas das outras ciências. A genealogia é uma história que não pressupõe essências imutáveis,

dadas *a priori*. O próprio sujeito é compreendido enquanto uma fabricação, enquanto efeito de um determinado estado de forças. É no interior da história que o sujeito se constitui, sendo “a cada instante fundado e refundado pela história” (Foucault, 2003, p. 10).

A partir da genealogia, compreende-se que a “historicidade que nos domina e nos determina é belicosa” (Foucault, 1979, p. 5). Isto significa que a história não tem um *telos*, uma finalidade, nem um sentido último, sendo, porém, inteligível por meio “das lutas, das estratégias, das táticas” (Foucault, 1979, p. 5).

Assim, para compreender a constituição do pesquisador a partir da apropriação e uso de seu tempo, esta pesquisa fez uso de documentos que, em sua maioria, prescrevem as formas de ser do pesquisador, documentos que estabelecem formas de agir e pensar, que esclarecem como indivíduos são conduzidos e se conduzem para se tornarem pesquisadores. São exemplos desses documentos: leis, resoluções, o Regimento e o Estatuto da Universidade Estadual de Maringá, currículos presentes na Plataforma Lattes e documentos institucionais do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Foram, também, utilizadas algumas das entrevistas realizadas por Gois (2012, 2013<sup>2</sup>). Este entrevistou em Maringá, de outubro de 2011 a março de 2012, 21 (vinte e um) sujeitos que atuavam como docentes e pesquisadores, além de possuírem vínculo com programas de pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Todos os profissionais entrevistados tinham sua formação em Ciências Biológicas ou em Ciências Naturais.

Em um segundo momento, em abril de 2014, foram realizadas pelo próprio autor deste trabalho nove entrevistas com sujeitos que atuavam como docentes e pesquisadores. Os mesmos foram indicados pelos coordenadores de cursos de pós-graduação da UEM por terem suas pesquisas reconhecidas pela comunidade e pelos pares. Os entrevistados pertenciam a uma das seguintes grandes áreas: Ciências Exatas, Ciências da Saúde, Ciências Biológicas e Tecnologia<sup>3</sup>.

Ressalta-se, ainda, que, ao longo do trabalho, a referência tanto a essas entrevistas como àquelas realizadas por Gois (2013) é feita sempre com pseudônimos no intuito de manter o anonimato dos entrevistados.

<sup>2</sup> Entrevistas (Proj. Dissertação) [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em 22/09/2013. Ao longo do texto estas entrevistas serão citadas como Gois (2013).

<sup>3</sup> A especificação exata do Programa de Pós-Graduação de cada pesquisador entrevistado não é apresentada justamente para garantir o anonimato daqueles que aceitaram ser entrevistados. Nas entrevistas realizadas pelo próprio pesquisador, os entrevistados aparecem sob os pseudônimos Angelico, Bruegel, Giotto, Lippi e Ticiano. Já nas entrevistas realizadas por Gois (2013), foram utilizados os pseudônimos Lispector, Sanzio e Woolf.

## A escola-universidade: uma instituição de sequestro da existência

Em *Vigiar e punir*, Foucault (2010a) afirma que a sociedade disciplinar estabelece “quadros vivos” (p. 143). Um dos elementos dos quadros é a sua moldura. É ela que estabelece os limites, as bordas, as linhas de diferenciação entre o que está contido e o que não está contido, entre o de dentro e o de fora, entre o mesmo e o outro.

O pesquisador é alguém que está e se mantém dentro de certa moldura-dispositivo<sup>4</sup>, é alguém que dela recebe contornos. A análise das entrevistas realizadas tanto pelo próprio autor deste trabalho quanto daquelas realizadas por Gois (2012, 2013) permite perceber que a maioria dos pesquisadores tem sua trajetória profissional restrita à universidade. Mais do que isso, antes mesmo do exercício profissional, o futuro pesquisador já tem seu tempo capturado pelas instituições de ensino. Tal fato é percebido inclusive pelos familiares dos docentes-pesquisadores: “Meu pai fala isso: você entrou na escola e nunca mais saiu” (Lispector, 2011). De fato, a vida do pesquisador é apreendida por instituições de sequestro<sup>5</sup>, especialmente a escola-universidade.

É na escola-universidade que se cria um tempo que é dedicado à formação do estudante-pesquisador. Na sociedade brasileira, a própria legislação tem por objetivo garantir que parte do tempo das crianças e adolescentes seja vivenciada na escola. De acordo com a Lei nº 9.394/96, mais conhecida por Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

- I – ensino fundamental, *obrigatório* e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;
- II – *progressiva extensão da obrigatoriedade* e gratuidade ao ensino médio (Brasil, 1996, grifos nossos).

Essa tomada da existência começa cedo, e alguns vão para as creches já nos primeiros meses de vida. Permanecer na escola ao longo do ensino fundamental (primário e ginásio), do ensino médio, do cursinho pré-vestibular, da graduação, da especialização, da pós-graduação (mestrado e doutorado) e, algumas

vezes, até do pós-doutorado torna-se um pré-requisito para ser feito pesquisador.

Em cada uma dessas etapas, estende-se um domínio sobre o tempo. Mais do que adquirir conteúdos, é necessário que o aluno esteja corporalmente presente na escola-universidade. Ainda na Lei nº. 9.394/96, por exemplo, há a seguinte prescrição:

Art. 47. Na educação superior, o ano letivo, independentemente do ano civil, tem, no mínimo, duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver.

[...]

§ 3º É obrigatória a frequência de alunos e professores, salvo nos programas de educação a distância (Brasil, 1996).

Trata-se de ligar os corpos a um aparelho que cumpre as funções de ensino, disciplina e controle. Dos 365 dias do ano, em aproximadamente 200 deles o aluno e o professor devem estar imersos no ambiente escolar. Há um refinamento normativo, pois, desses 200 dias, exige-se, em cada disciplina, um mínimo de frequência por parte do aluno. Além disso, ultrapassar 25% de ausências em determinada matéria pode resultar em reprovação. É o que pode ser lido, a título de exemplo, no Regimento Geral da Universidade Estadual de Maringá (2009, p. 7, grifos nossos):

Art. 37. Nos cursos de graduação, a verificação do rendimento escolar deve ser feita por componente curricular, abrangendo sempre os aspectos *assiduidade* e eficiência, *ambos de caráter eliminatório*.

§ 1º. *Entende-se por assiduidade a frequência de, no mínimo, 75% da carga horária presencial de cada componente curricular.*

§ 2º. *Não há abono de faltas, adotando-se o regime de atividades domiciliares nos casos previstos em lei.*

Sanzio (2011), ao rememorar o período de faculdade, ressalta o quanto de tempo de sua vida era ali dedicado: “A minha vida girava em torno disso, o curso era integral, na faculdade eu tinha aula das 8 ao meio dia e das 2 às 6 da tarde, de segunda a sexta-feira, tanto que os quatro anos de faculdade eu não consegui trabalhar, tive realmente que cumprir isso” (Sanzio, 2011).

<sup>4</sup> Pode-se dizer que definições não são comuns na obra de Foucault e que isso se aplica também ao termo dispositivo. Por mais que seu uso tenha se multiplicado durante suas discussões a respeito do saber-poder, não há uma obra específica em que Foucault se preocupe em esmiuçar o que ele pretende designar por dispositivo. Talvez, o momento em que ele mais se detém nesse tema seja em uma entrevista com Alain Grosrichard, Gérard Wajeman, Jacques-Alain Miller, Guy Le Gaufey, entre outros, acerca da história da sexualidade (cf. Foucault, 1979, p. 244-247). Ainda assim, o que é possível dizer acerca do dispositivo? Pode-se afirmar que ele não é um equipamento, mas um regime (Tucherman, 2007) – um regime de fazer ver e fazer dizer – que está “sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam” (Foucault, 1979, p. 246). É dessa forma que o dispositivo distribui o visível e o invisível, “fazendo nascer ou desaparecer o objeto que não existiria fora desta luz” (Tucherman, 2007, p. 110).

<sup>5</sup> Segundo Foucault (2003), as instituições de sequestro realizam a extração da totalidade do tempo e o controle dos corpos ligando-os, fixando-os e incluindo-os no sistema normalizador.

É assim que a máquina-escola<sup>6</sup> garante que sua “matéria-prima” tenha sua forma de pensar, agir e desejar moldada segundo seus desígnios. Motta (1981, p. 40) ressalta esta função modeladora da escola: “Inculcar atitudes e disposições morais é próprio da instituição educacional, qualquer que seja a sua clientela”. O aluno – embrião de pesquisador – é disciplinado a dedicar grande parte de seu tempo a permanecer dentro de um espaço específico exercitando-se em determinadas atividades. Desse modo, para dar forma ao futuro pesquisador é necessário que esse tempo capturado seja ocupado e preenchido por meio de uma série de exercícios como as aulas, os estágios, as práticas de laboratório, os projetos de iniciação científica, as monitorias, etc.

De estudante a professor, de professor a pesquisador, uma longa jornada deve ser percorrida. Diferentemente da sociedade disciplinar, em que o tempo era cronometrado e as ações eram coordenadas em uma sequência e em um ritmo preestabelecidos, na contemporaneidade, o tempo passa a ser controlado por outras estratégias. O tempo-fração, aquele recortado em parcelas cada vez menores – meses, semanas, dias, horas, minutos, segundos, etc. –, é agora, também, tempo-totalidade, um tempo que passa a ser apreendido de forma mais ampla, mais extensa. Todo segundo é importante, mas também, e acima de tudo, toda a existência passa a estar sob a ação do dispositivo do tempo. A entrevista com Ticiano (2014) retrata essa apropriação longitudinal do tempo: “Férias, férias é complicado. O que a gente tenta fazer é... acho que nos últimos dez anos tirei uns dez dias [...]. Você tem prazos a vencer, e tem que fazer; então acaba trabalhando todo dia, todo dia mesmo” (Ticiano, 2014).

Para além de garantir uma jornada de trabalho delimitada, objetiva-se exclusividade quanto à existência do indivíduo ou, pelo menos, com relação à parte mais produtiva da mesma. Trata-se de algo muito além de jornada de trabalho, trata-se da própria vida. Um dos entrevistados, nesse sentido, afirma: “[...] eu diria que trabalhei nesses últimos 24 anos no mínimo 12 horas por dia, de segunda a domingo [...]. Eventualmente tiro férias, porque legalmente você tem que tirar. Mas

geralmente é uma semana ou um pouco mais no final de ano, ou quando vai para Congresso, aproveito um pouco [...]” (Angelico, 2014). Assim, os dias, semanas, meses e anos são exaustivamente preenchidos<sup>7</sup>.

A seguir, a rotina do pesquisador Giotto (2014) descrita por ele mesmo revela a incidência dessas linhas de força que, pouco a pouco, apropriam-se do tempo de descanso, do tempo de férias:

[...] Mas em geral a rotina é: eu levanto de manhã, venho pra cá, hoje eu dei aula pela manhã, agora passei praticamente a tarde toda resolvendo assunto administrativo. Então às vezes eu pego final de semana que eu trabalho de sábado, eu trabalho de sábado das 8 até as 6 da tarde, até as 5 da tarde. Então, eu trabalho no sábado para colocar em dia as horas. Domingo à noite também. Às vezes, eu trabalho um pouco, além da semana, para colocar em dia os trabalhos. Porque não adianta você ficar avesso, você tem um domingo à tarde ou um domingo à noite, você vai ficar sem fazer nada sabendo que isso vai te custar, na segunda feira, uma sobrecarga. Então, o pessoal sempre dá uma organizada. Nas férias eu trabalho também, no sentido de que às vezes aproveito as férias para escrever um artigo, e tal. Então, para mim, estar de férias significa não estar aqui, mas não significa necessariamente estar sem trabalhar. Porque você hoje, como pesquisador, está sempre chegando serviço. Às vezes em semana de Natal o CNPq manda projetos, e você tem que analisar... Você é pesquisador. Então a gente nunca para. Você está num hotel lá, acessa a internet, tem artigo, ele foi mandado para corrigir, um aluno está com a tese e manda, então você nunca para (Giotto, 2014).

Não se trata mais de cumprir uma jornada específica de trabalho; exige-se que se vá além. A jornada previamente estabelecida é o mínimo, é apenas o limite inferior. É isso que aponta a entrevistada Woolf (2011):

[...] atualmente tem muitos cursos de pós-graduação dentro da Biologia, então quando vai abrir um concurso dentro da Biologia para professor, são 60 candidatos para uma ou duas vagas, não vou conseguir, não vou conseguir. Consegue, só que você tem que ser dedicado, você não pode ser um profissional, e essa dedicação atualmente se baseia assim: você não pode ser um profissional de oito

<sup>6</sup> Deleuze (1992, p. 220) faz corresponder a cada tipo de sociedade um tipo de máquina: “[...] as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as disciplinas, as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle”. Ele, no entanto, ressalva que as máquinas em si não explicam nada, sendo preciso “analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte” (Deleuze, 1992, p. 220). É nesse contexto mais específico, ou seja, dos agenciamentos, que o termo máquina-escola é utilizado aqui. Trata-se, desta maneira, de ressaltar o aspecto produtor do dispositivo escolar, de destacar a positividade da escola enquanto capaz de formar alunos.

<sup>7</sup> O imperativo de que o tempo seja útil e produtivo não se restringe ao espaço da universidade. Foi possível, em uma das entrevistas com um dos pesquisadores, visualizar como o dispositivo do tempo o atravessa e constitui, dando-lhe contornos que o fazem pensar que o tempo deve ser produtivo não apenas no âmbito da academia, mas também fora dela: “Então eu entendo que um aspecto em que a nossa cidade melhorou em muito é essa visão, acho que é a coisa de que a pessoa tem que estar sempre sendo útil em algum lugar. Eu, por exemplo, acho um péssimo exemplo, você passa na praça e tem uns velhinhos jogando dominó lá. Eu particularmente acho que isso é inutilidade. Você tinha que estar fazendo alguma coisa. Pode jogar dominó, pode tomar uma cerveja, mas eu vejo assim: que tem gente que fica o dia todo sem fazer absolutamente nada. A grande contribuição que eles vão dar vai ser o quê? Vai ser morrer, e aí a aposentaria deles volta pro Governo para fazer alguma outra coisa. Essa vai ser a única contribuição que o cara vai dar. Então eu acho que as pessoas têm que estar sempre trabalhando, no sentido de estar sempre envolvido com alguma coisa. Eu acho o fim da picada o cara ficar o dia inteiro jogando dominó na praça ou ficar fazendo coisas parecidas” (Giotto, 2014).

horas. Você tem que ser um profissional de 12 ou 14 horas, aí você vai além, aí você consegue, a Biologia não é uma função de bater cartão. A pesquisa não é uma profissão de bater cartão. Você não pode estar escrevendo uma coisa e dar 5:30 da tarde, deu meu horário de ir embora, então estou indo, vou desligar o computador, porque aí você não vai para a frente, então é nesse sentido (Woolf, 2011).

Os efeitos do dispositivo do tempo podem ser percebidos no próprio desejo do pesquisador que passa a solicitar aos outros e a si um trabalho mais intenso. Deixa de ser necessária uma coerção explícita para que o tempo seja capturado e para que a produtividade aumente. É o próprio pesquisador que passa a se interessar em produzir mais. O que antes fugia à regra, que era excepcional, agora torna-se comum, pois foi normalizado. Dessa forma, além dos mecanismos extrínsecos de exigência, há, também, por parte dos pesquisadores o estabelecimento de padrões cada vez mais elevados, tornando o extraordinário, em alguns casos excessivo, algo recorrente e normal.

Cada vez mais, deixa de existir um enquadramento temporal que distribuía as horas do dia ou semana entre trabalho, descanso, família, lazer, etc. Ocorre que, a partir de certo discurso de flexibilidade, as fronteiras temporais se diluem e o trabalho se torna, de fato, de “tempo integral”. A captura da subjetividade, a apropriação do tempo enquanto tempo de trabalho produtivo é tal que não só os finais de semana tornam-se ocasiões para se produzir, mas também a saúde e as próprias necessidades fisiológicas acabam sendo relegadas para um segundo plano, tal como relata o pesquisador Lippi (2014):

Eu faço meu trabalho em tempo integral, com dedicação exclusiva literalmente. Me aproveito do fato de que professor universitário tem uns horários um pouco mais flexíveis do que as outras categorias, mas isso me custa muito porque eu trabalho à noite, sábado, domingo e tal [...], o trabalho em si, até hoje, com 56 anos, me faz perder a hora, esquecer de comer às vezes, ou coisas assim que eu não dou conta porque fico envolvido com ele [...]. Então eu acabei levando, eu pago um preço maior e levo coisa para casa. E eu já admiti desde o começo que eu ia trabalhar muito em casa, porque senão não ia sobreviver cientificamente (Lippi, 2014).

Tem-se, em decorrência disso, um transbordar de atividades a serem realizadas, de tal forma que o tempo para si, o tempo gerido por si tende a se extinguir. Tem-se um imperativo do “fazer” e do “produzir” sobressaindo-se em relação à preocupação do transformar-se por

meio do cuidado de si<sup>8</sup>. Este pode ser compreendido, segundo Foucault (1985, p. 48), enquanto a intensificação “das relações consigo, isto é, das formas nas quais se é chamado a se tomar a si próprio como objeto do conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se, e promover a própria salvação”.

Há mais de um século, Nietzsche (2006) já notava entre os cientistas alemães uma ciência que tendia a excluir o aspecto ascético de sua prática. Assim, segundo ele, as ciências condenavam cada um de seus praticantes a uma “dura vida de hilotas” (Nietzsche, 2006, p. 57)<sup>9</sup>, restando-lhes pouco espaço para práticas de liberdade. Tal mudança é também percebida por Lippi (2014) no contexto brasileiro, mais especificamente na área da Física:

[Pergunta: Você acha que fazer pesquisa (ou ser pesquisador) é diferente hoje em relação ao que era antigamente?] É, por causa dessa pressão. Hoje existe uma pressão de fábrica. Eu não estou me lamentando, eu faço parte do jogo, a regra está aí, eu sigo, posso não ser dos melhores jogadores, mas estou escalado e estou jogando, entendeu?! Mas, assim, a diferença é muito grande. A pressão é muito grande. Pra você ter uma ideia, o dia em que eu comecei o meu doutoramento [...] no IFUSP, o meu orientador, que era um professor considerado genial pelos pares, ele falou: “Olha, vamos estudar o trabalho desses antigos, desses grandes da Física (que são nomes que talvez na sua área não façam muito sentido, mas que são pessoas importantes na Física), porque tem muita porcaria, desculpe a expressão, circulando por aí. Nossa preocupação não é publicar, nossa preocupação é entender”. E isso foi em 85, no Brasil. É claro que ele estava defasado. Nos Estados Unidos, na Europa, não era assim. Mas no Brasil, em 2015, pra gente arredondar, no próximo ano, não tem ninguém que pensa assim. Pensa exatamente o oposto: não leia muito, não; pode ler, mas não perca muito tempo porque você precisa terminar o trabalho, e você tem que publicar. Então houve uma mudança ao longo da minha vida. Eu fui fazer o Doutorado num centro que era considerado, na minha área, o melhor do Brasil, um dos melhores da América Latina, certamente, e lá havia essa... um dos melhores pesquisadores de lá me disse isso: “Não tenha pressa, estude e entenda”. Hoje ninguém te diz isso. Quer dizer, a mensagem subliminar que passa é: “Tenha pressa, produza, publique”. Então houve uma mudança muito grande, e a mudança é a pressão. Pressão pelo desempenho (Lippi, 2014).

A agitação no trabalho, imposta pela exigência sempre crescente de produção, tende a reduzir o espaço de contemplação de si mesmo, do diálogo com os próprios pensamentos e com os amigos. Assim, a servidão se

<sup>8</sup> Para uma explanação das transformações ocorridas no “cuidado de si”, desde Sócrates até aquilo que Foucault denominou de “momento cartesiano”, consultar Foucault (2010b) e Muchail (2011).

<sup>9</sup> Na Grécia Antiga, os hilotas eram considerados propriedade do Estado, verdadeiros escravos públicos.

torna o modo de vida no qual o pesquisador se constitui. Resta-lhe responder a urgências, a demandas sempre recorrentes. A ciência e a pesquisa como formas de transformação de si tendem a ter um espaço restrito, ainda que este continue a existir.

Ainda assim, o conhecer – a produção de saberes – pode servir ao cuidado de si. A pesquisa, em vez de ser apenas conquista e transformação da natureza, pode ser também um meio para a transformação de si por meio de uma ética da relação de si para consigo. Pesquisar, então, deixa de ser apenas uma forma de cumprir os requisitos para se ter sucesso e o aplauso dos outros, e passa a ser um modo de vida em que estão no centro a elaboração do eu, o cuidado com o corpo e a saúde, o zelo pela própria vida.

### É preciso problematizar

Como se portar diante das exigências de produtividade sempre crescentes que enfatizam mais o resultado do que o processo, que reforcem o número de publicações mais do que a qualidade das mesmas? O cuidado de si ético consiste, como lembra Foucault (2010b), num princípio de agitação, no exercício do pensamento. Mais do que uma resposta-reflexo ao que é solicitado, é preciso refletir acerca das próprias ações<sup>10</sup>.

É esse pensamento-resistência, marcado pela reflexão, que pode ser visualizado na fala de Bruegel (2014) acerca das exigências de produção:

[...] Então imagina se eu tiver que ficar nessa neurose de ter que publicar dois artigos por ano, mais isso e mais aquilo outro, pra satisfazer o CNPq, eu vou morrer doido. Não... Final de semana eu tenho minhas coisas para fazer, tem churrasco, tem meu jardim pra cuidar, tem meus cachorros para passear, tem minha esposa, que eu não gosto de ir muito, mas de vez em quando tenho que ir com ela no shopping... E assim vai indo. Então, nesse sentido, eu, particularmente, não tenho pretensão nenhuma. Até porque o pessoal pensa que produzir conhecimento é igual a produzir parafuso, você chega na fábrica e fala que vai produzir 1.500 parafusos... aí sim. Pesquisa não tem nada disso. Você pode passar 20 anos investigando uma coisa e não chegar a lugar nenhum, sem contar nas diferenças que tem entre as áreas

[...] Então algumas áreas são mais promissoras, outras são mais consagradas. Sempre vai ter o problema. Aliás, essa é uma característica da ciência: a ciência não é definitiva. Mas até então, você exigir de todo mundo o mesmo ritmo, que produza cinco, seis, como se fosse uma máquina, é esse produtivismo. É por isso que virou esse produtivismo. Da minha parte eu não tenho compromisso. Se sair o artigo, eu ponho que saiu. Se for útil pra alguém, ótimo. Se não saiu também, não tenho um pingão de dor de cabeça, e não me sinto constrangido de dizer que não publiquei nenhum artigo no ano. “Ah, mas o que você tá fazendo aí que não publicou?”, estou trabalhando, estou trabalhando. Quem sabe o ano que vem eu levo um pouco mais de sorte, os trabalhos fecham, e é assim. Produzir conhecimento não é fabricar parafuso, não. Produzir conhecimento demanda tempo de reflexão, demanda rigor, demanda um monte de coisa. Se você não usar tudo isso, você entra no produtivismo (Bruegel, 2014).

Trata-se de algo muito diferente de uma análise reducionista que apenas opõe quantidade e qualidade. O que está em questão é o modo de subjetivação, a maneira pela qual o indivíduo se relaciona com as linhas de forças que pesam sobre ele, estruturando suas ações e comportamentos<sup>11</sup>.

Um dos docentes da Universidade Estadual de Maringá, que não possui bolsa do CNPq, reflete:

Na angústia de atingir resultados e galgar o [O]limpo, ele [o professor] tende a perder a dedicação ao saber, o prazer de estudar, pesquisar, escrever, desenvolver as atividades docentes etc. Em seu lugar, impõem-se as necessidades de sobrevivência: somar mais pontos e exibir títulos que o permitam suplantar os concorrentes. Os meios se transformam em fins. Chega o momento em que até mesmo dar aulas torna-se um empecilho, um mal necessário, pois toma o tempo precioso que poderia ser dedicado às atividades que permitem acumular mais pontos (Silva, 2005).

Ao se priorizar o cumprimento das regras do jogo, a obediência irrefletida dos critérios já estabelecidos, corre-se o risco de que o pesquisador venha a esquecer de si. O cuidado ético de si pressupõe uma convergência de olhar, pressupõe considerar e indagar as próprias ações por meio de questões como: “Qual a finalidade de realizar determinada tarefa?”, “Como isso me afeta?”,

<sup>10</sup> Segundo Sant’anna (2011, p. 87), reflexo e reflexão não podem ser confundidos. O reflexo tende a ser mais rápido, barato e leve do que a reflexão, já está “incomoda mais do que acomoda, desestabiliza mais do que apazigua, o que torna as coisas ainda mais difíceis para quem quer continuar refletindo, [...] a reflexão não é promessa de lucro, sucesso ou alegria [...] nem necessariamente de solução”. Além disso, a autora ainda ressalta que na “[...] época contemporânea, permeada por prazos de validade curtíssimos, dentro dos quais o risco do descarte e o da obsolescência são bem reais, entre a reflexão problematizadora do mundo e o reflexo imediato, que não se depara com nenhuma dúvida, opta-se, várias vezes, pelo reflexo” (Sant’anna, 2011, p. 87).

<sup>11</sup> No Brasil, o debate acerca dos parâmetros de avaliação da Coordenação de Pessoal de Ensino Superior (Capes) e do CNPq tem se intensificado. Albarnaz (2009) cita, a título de exemplo, o “Manifesto contra o CNPq” (*O Estado de S. Paulo*, 2008) que se tornou notícia no *O Estado de S. Paulo* (2008), o artigo de Rodrigues (2007) e trabalho de Fonseca (1998).

“Qual é o objetivo de publicar?”, “Trata-se somente de cumprir imposições dos órgãos de fomento ou é, de fato, este o contorno que eu quero dar a mim mesmo através da produção de artigos, livros, etc.?”. Sanzio (2011), um dos pesquisadores da Universidade Estadual de Maringá, permite-se pensar sobre si:

Agora parece que a gente vive uma corrente de ranking, a universidade tem que ter tantos cursos de pós-graduação, produzir tantos trabalhos, os professores têm que publicar tantos trabalhos por ano, essa corrida, o CNPq lhe impondo, a CAPES lhe impondo, a nota do programa de pós-graduação vem em função dos trabalhos que são publicados, em função das notas, é uma corrida que eu não sei até onde vai. Isso deve haver? Sim, no sentido de busca de qualidade, mas quando isso se torna uma busca em si mesmo, acho que se perde [...] Hoje nós temos uma rotina de publica, publica, publica, mas para que papel? Eu estou publicando isso para quê? Porque a CAPES está me exigindo e eu tenho que publicar três trabalhos por ano porque senão o meu curso vai cair de conceito, por isso que estou publicando. Você sabe o que você está publicando? Eu pego aquele trabalho, divido em três, pego essa pesquisa, a divido em três e faço três trabalhos. No que está resultando isso? Esse repensar é complicado, mas precisa ser feito, de ver qual tem sido o nosso papel, de tanta informação que nós temos, mas e o conhecimento, está ficando como? E o entendimento disso? (Sanzio, 2011).

Para exercer a reflexão problematizadora em vez do simples reflexo é necessário dispor de algum tempo para si. É justamente este tempo que tende a ser reduzido cada vez mais, já que o dispositivo do tempo tende a se apropriar dele para reutilizá-lo de tal forma que lhe seja útil e produtivo. O pesquisador muitas vezes não consegue realizar nem a própria pesquisa quando a deseja fazer, pois o tempo preenchido por outras atividades tende a excluir a ação livremente escolhida. Talvez a questão não seja ter mais tempo, mas sim esclarecer quem está gerindo o tempo, quem na relação de poder consegue influenciar mais o seu uso.

Cabe lembrar que o pesquisador é constituído ao longo de sua história e, portanto, pensar em outras formas de ser pesquisador é também pensar em outras formas de escolarização, em outras formas de universidade. Ticiano (2014) percebe já nos alunos de graduação – embriões dos futuros pesquisadores – essa restrição do espaço de reflexão que ele denomina de “tempo de pensar”:

[Pergunta ao final da entrevista: Você gostaria de acrescentar algo?] Só para adicionar, eu vou falar do aluno. Acho que o perfil do aluno hoje está um pouco estranho, como diria um grande amigo meu, estão vagabundos. Mas o termo não é porque são preguiçosos, mas acho que é porque a gente fez uma estrutura curricular na maioria dos cursos muito pesada, no meu curso, em vários cursos. E o aluno não tem tempo

para pensar. Ele só tem tempo para estudar o que é passado para ele pelo professor. E a gente precisa que o aluno pense também. Então eu acho que seria necessário, não sei como, mas as grades curriculares deveriam dar um espaço maior para pensar. Tem alguns programas, alguns cursos, que a hora de estágio tem que ser feita nas férias, que é o caso do nosso curso. O aluno tem que pensar, ele não tem como no atropelo do dia a dia. Então a gente perde cérebro, perde gente no simples fato de a pessoa não ter atividade, não ter tempo para pensar no que quer da vida. Vê aquele monte de coisa, monte de disciplinas, prova toda semana, e o aluno precisa pensar, não é só a gente que precisa pensar. Na forma como nós estamos estruturados hoje não é possível de maneira plena. Só isso (Ticiano, 2014).

Repensar a forma de ser pesquisador exige problematizar os vários dispositivos que a constituem. Trata-se, inclusive, como dito acima, de problematizar a escola-universidade. Se para ser pesquisador deve-se fazer pesquisa, há, então, sempre um espaço de inventividade, de resistência, de escolha voluntária do que e como se fazer. É bem verdade, como visto, que esse espaço de criação pode ser maior ou menor dependendo da intensidade e alcance dos mecanismos de controle. Porém, é somente por intermédio desse espaço de resistência-escolha que se torna possível a estilização da existência, dando-lhe uma forma desejada diante dos dispositivos.

## Conclusões

Refletir acerca da constituição do sujeito pesquisador a partir da apropriação e uso de seu tempo é, também, pensar na questão do “mesmo” e do “outro”. Enquanto o “mesmo” exige a submissão aos seus critérios, expressando-se por meio da homogeneização dos que são diferentes, o “outro”, por sua vez, caracteriza-se por “aquilo que, de dentro dos quadros de uma cultura, a limita por dentro” (Muchail, 2004, p. 39). Assim, o “outro” é, simultaneamente, interno à cultura e estrangeiro a ela.

Dentro deste estudo, nas subjetivações impostas, o “mesmo” produz um modo de ser pesquisador caracterizado por ter um tempo produtivo, uma vida repleta de publicações, de participações em eventos, de orientações de teses, dissertações e monografias, etc. Ser pesquisador é cumprir uma série de requisitos e submeter-se a exames que não só pronunciam uma verdade acerca do sujeito, mas também lhe dão uma identidade à qual ele permanece fixado.

Ser ou não ser pesquisador está muito além de se fazer ou não se fazer pesquisa. Há um enquadramento – um conjunto de dispositivos – que age no pesquisador dando-lhe uma forma e que tende a reduzir-lhe a alteridade. Dessa maneira, o sujeito que resiste às linhas de forças

que pesam sobre ele geralmente é submetido a mecanismos de exclusão e de marginalização.

Para o pesquisador, por exemplo, os recursos para pesquisa (econômicos, materiais, humanos, entre tantos outros) tornam-se mais acessíveis ou mais restritos conforme o mesmo subjetiva determinada identidade de pesquisador – aquele que tem seu tempo cada vez mais ocupado por atividades produtivas e constantemente tem algo novo, fruto de suas pesquisas, para apresentar e tornar público.

Em Foucault, há uma proposta ético-política que privilegia as práticas de liberdade. Segundo esta proposta, o sujeito, na contemporaneidade, deve desprender-se do poder totalizante e individualizador. Ao sintetizar o pensamento de Deleuze e Guattari, Foucault (1991, p. 83) recomenda: “Prefira o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas, considere que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade”.

Trata-se de se estimular uma arte de viver, uma forma de subjetivação por meio de práticas de liberdade em que o sujeito se constitui a si mesmo. Criar novas formas de ser pesquisador, diferenciar-se, tomar a si como uma obra de arte só pode ser feito pelo confronto de forças. Nietzsche (2011), no *Zarathustra*, já indicava que para criar é preciso, antes, destruir. Na estilização da existência, na criação de novas formas de ser, é imprescindível exercitar-se em contracondutas, mesmo que estas sejam apenas no âmbito do pensamento mediante a reflexão.

Além disso, o cuidado de si, quando exercido pelo pesquisador, inclui muito mais do que a obtenção de conhecimentos a respeito de si e a respeito do mundo. Ele pressupõe um agir sobre si, a transformação da própria existência. Nesse sentido, Foucault (1984) reflete:

De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir (Foucault, 1984, p. 15).

Não se trata apenas de responder as questões “o que é um pesquisador?” ou “que forma de pesquisador escolho dar a mim mesmo?”. Talvez, seja necessário ir além e se questionar o porquê de tantos quererem ser pesquisadores, este pesquisador objetivado, não cogitando, de antemão, outras formas de ser, como, por exemplo, o filósofo, o escritor, o professor, o gênio, o louco, o erudito, etc. Será que o problema não está mais na excessiva legitimação do pesquisador, obscurecendo as demais formas que os sujeitos podem se dar?

## Referências

- ALBERNAZ, L.S.F. 2009. Sinfonia a muitas mãos: esboço etnográfico de um projeto científico e as vicissitudes das políticas de avaliação. *Mediações*, 14(1):125-142. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3351/2737>. Acesso em: 20/07/2016.
- ANGELICO. 2014. Entrevista VI feita por Bruno Eduardo Procopiuk Walter, abr., Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].
- BRASIL. 1996. Lei n. 9.394, de 20 de dez. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 11/12/2013.
- BRUEGEL. 2014. Entrevista IV feita por Bruno Eduardo Procopiuk Walter, mar., Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].
- DELEUZE, G. 1992. Política. In: G. DELEUZE, *Conversações, 1972-1990*. São Paulo, Editora 34, p. 209-226.
- DELEUZE, G. 2005. *Foucault*. São Paulo, Brasiliense, 142 p.
- FONSECA, C. 1998. Avaliação dos programas de pós-graduação: do ponto de vista de um nativo. *Horizontes Antropológicos*, 4(8):182-198.
- FOUCAULT, M. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 295 p.
- FOUCAULT, M. 1984. *História da sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 333 p.
- FOUCAULT, M. 1985. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 246 p.
- FOUCAULT, M. 1991. Anti-Étipo: Uma introdução à vida não-fascista. In: C.H. ESCOBAR (org.), *Dossier Deleuze*. São Paulo, Hólon, p. 81-84.
- FOUCAULT, M. 2003. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, NAU Editora, 158 p.
- FOUCAULT, M. 2010a. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 38ª ed., Petrópolis, Rio de Janeiro, 291 p.
- FOUCAULT, M. 2010b. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. 3ª ed., São Paulo, WMF Martins Fontes, 506 p.
- GIOTTO. 2014. Entrevista V feita por Bruno Eduardo Procopiuk Walter, abr., Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].
- GOIS, P.H. de. 2012. *A constituição do sujeito biólogo e as formas de poder-controle organizacional em universidades públicas no Estado do Paraná*. Maringá, PR. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 236 p.
- LIPPI. 2014. Entrevista VIII feita por Bruno Eduardo Procopiuk Walter, abr., Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].
- LISPECTOR. 2011. Entrevista V feita por Pedro Henrique de Gois, nov. Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].
- MOTTA, F.C.P. 1981. O poder disciplinar nas organizações formais. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, 21(4):33-41. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75901981000400003>
- MUCHAIL, T.M. 2004. *Foucault, simplesmente: textos reunidos*. São Paulo, Edições Loyola, 138 p. (Coleção Leituras Filosóficas).
- MUCHAIL, T. 2011. *Foucault, mestre do cuidado: textos sobre A hermenêutica do sujeito*. São Paulo, Edições Loyola, 135 p. (Coleção Leituras Filosóficas).
- NIETZSCHE, F.W. 2006. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo, Companhia das Letras, 154 p.
- NIETZSCHE, F.W. 2009. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo, Companhia das Letras, 184 p.



- NIETZSCHE, F.W. 2011. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo, Companhia das Letras, 359 p.
- O ESTADO DE S. PAULO. 2008. O manifesto contra o CNPq. Editorial. São Paulo, 29 dez., p. 3.
- RODRIGUES, L.O.C. 2007. Publicais mais, ou melhor? O tamanduá olímpico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 29(1):35-48.
- SANT'ANNA, D.B. de. 2011. Michel Foucault e os paradoxos do corpo e da história. In: D.M. de ALBUQUERQUE JÚNIOR; A. VEIGA-NETO; A. SOUZA FILHO (org.), *Cartografias de Foucault*. 2ª ed., Belo Horizonte, Autêntica, p. 83-91.
- SILVA, A.O. 2005. A corrida pelo Lattes. *Revista Espaço Acadêmico*, 46. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/046/46pol.htm>. Acesso em: 17/12/2013.
- SANZIO. 2011. Entrevista X feita por Pedro Henrique de Gois, nov., Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].
- TUCHERMAN, I. 2007. Michel Foucault, hoje ou ainda: Do dispositivo de vigilância ao dispositivo de exposição da intimidade. In: A. QUEIROZ; N.V. CRUZ, *Foucault hoje?* Rio de Janeiro, 7 Letras, p. 108-118.
- TICIANO. 2014. Entrevista VII feita por Bruno Eduardo Procopiuk Walter, abr., Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].
- UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ. 2009. *Regimento Geral*. Maringá, PR. Disponível em: [http://www.scs.uem.br/regimento\\_uem.pdf](http://www.scs.uem.br/regimento_uem.pdf). Acesso em: 11/12/2013.
- VEYNE, P. 2011. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 254 p.
- WOOLF. 2011. Entrevista XIV feita por Pedro Henrique de Gois, nov., Maringá, PR. [1 arquivo.mp3].

Submetido: 26/12/2014

Aceito: 04/09/2015